

C.2. Mamíferos Marinhos

A ordem Cetacea é composta por mamíferos que vivem exclusivamente no meio aquático. Nesta ordem, representada no mundo todo, por cerca de 80 espécies, estão inseridos as baleias, os botos e os golfinhos (Hetzl & Lodi, 1993). Por serem mamíferos adaptados à vida aquática, os cetáceos possuem características que não são vistas em mamíferos terrestres (Heyning, 1995). Seus corpos são alongados e fusiformes, possuem pele lisa e desprovida de pêlos, as aberturas nasais estão dispostas na região dorsal da cabeça (o que possibilita aos cetáceos a respiração durante o deslocamento e o descanso em posição paralela à superfície da água, mantendo a respiração livre), possuem uma camada de gordura subcutânea bem desenvolvida (camada essa que atua principalmente como isolante térmico, além de ajudar na manutenção da flutuabilidade do animal), os órgãos reprodutivos estão internalizados, os membros anteriores foram modificados para nadadeiras peitorais (desenvolvidas a partir de tecidos não ósseos) e os membros posteriores desapareceram, assim como, a cintura pélvica e o ouvido externo (Leatherwood *et al.*, 1988).

Em função do meio onde vivem, os cetáceos desenvolveram mais alguns sentidos, como a audição e o tato, enquanto outros foram reduzidos ou até desapareceram, como parece ser, o caso do olfato em algumas espécies (Hetzl & Lodi, 1993). O mundo dos cetáceos é basicamente um mundo de sons já que no meio aquático o som se propaga melhor, mais rápido e a maiores distâncias do que no meio terrestre (Heyning, 1995). Além de poderem ouvir, os cetáceos também são capazes de emitir uma gama de sons das mais variadas frequências (Pinedo *et al.*, 1992).

Os primeiros cetáceos evoluíram há cerca de 50 milhões de anos, a partir de mamíferos pertencentes à subordem Archaeoceti, que se encontra extinta. Os arqueocetos já apresentavam características intermediárias entre os seus ancestrais terrestres e os cetáceos atuais. Foram os arqueocetos que deram origem às duas subordens de cetáceos vivos: a dos mysticetos e a dos odontocetos (Pinedo *et al.*, 1992).

A subordem dos mysticetos inclui todas as grandes baleias que não possuem dentes durante a fase adulta. No lugar dos dentes eles possuem barbatanas que são responsáveis pela filtração e retenção do alimento. Os mysticetos se alimentam basicamente de pequenos organismos pertencentes ao zooplâncton como o krill (*Euphasia superba*), copépodes e anfípodos e também de peixes encontrados em grandes concentrações (Leatherwood *et al.*, 1988).

As grandes baleias geralmente realizam longas migrações sazonais. Estas ocorrem em função de duas necessidades vitais das espécies, que são a alimentação e a reprodução. Nos

meses de verão, em altas latitudes, os mysticetos encontram uma volumosa concentração de alimento já que, nessa época, os organismos zooplânctônicos se reproduzem em grandes quantidades. Entretanto, com a chegada do inverno, as grandes baleias iniciam suas migrações em direção à linha do equador à procura de águas mais quentes e tranquilas para reproduzirem e criarem seus filhotes (Hetzl & Lodi, 1993).

Na costa do Brasil, ocorrem espécies de duas das quatro famílias de baleias verdadeiras. Dentre elas, as mais conhecidas são a baleia-jubarte (*Megaptera novaeangliae*) e a baleia-franca-do-sul (*Eubalena australis*), pertencentes, respectivamente, às famílias Balaenopteridae e Balaenidae (Siciliano *et al.*, 2006).

A subordem dos odontocetos inclui todos os cetáceos que possuem dentes. Esta subordem engloba o maior número de espécies, cerca de 67. Além da presença de dentes, seus representantes também têm em comum o melão, órgão situado na parte anterior da cabeça que faz parte do seu sistema de ecolocalização (responsável pela interação dos odontocetos com o meio ambiente) (Heyning, 1995). Quanto à alimentação, algumas espécies apresentam um cardápio bastante variado, ao passo que outras possuem uma dieta especializada e restrita. A orca (*Orcinus orca*) e a falsa-orca (*Pseudorca crassidens*), por exemplo, podem comer peixes, raias, tubarões, aves marinhas e até mesmo outras espécies de cetáceos. Por outro lado, a cachalote (*Physeter macrocephalus*) e as baleias-bicudas (família Ziphiidae) alimentam-se mais especificamente de lulas (Siciliano *et al.*, 2006).

Das nove famílias de odontocetos, sete possuem representantes na costa brasileira. Dentre eles, os mais conhecidos são o golfinho-nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*) e a orca (*Orcinus orca*), delfínídeos de hábitos predominantemente costeiros (Siciliano *et al.*, 2006).

A distribuição das diferentes espécies de cetáceos nos mares e oceanos não ocorre ao acaso, sendo determinada por seus hábitos, comportamento, necessidades ecológicas e também pelas características dos ambientes (como temperatura da água, profundidade, relevo de fundo e disponibilidade de alimento). Existem desde espécies fluviais até aquelas que habitam áreas costeiras e áreas oceânicas profundas e distantes da costa (Siciliano *et al.*, 2006).

As espécies costeiras exibem preferência por áreas mais rasas, situadas sobre a plataforma continental, podendo ocorrer desde a linha da costa até a quebra da plataforma (próximo à linha isobatimétrica dos 200 m de profundidade). Por sua vez, as espécies oceânicas são tipicamente restritas à quebra da plataforma continental, ao talude e áreas adjacentes localizadas em bacias oceânicas profundas (acima dos 200 m de profundidade). Entretanto, apesar de haver essa clara separação, algumas espécies podem viver tanto em águas costeiras como oceânicas, como é o

caso do golfinho-nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*) e da baleia-jubarte (*Megaptera novaeangliae*) (Siciliano *et al.*, 2006).

Atualmente, na costa do Brasil, são reconhecidas 43 espécies de cetáceos em ambientes costeiros, oceânicos ou em ambos (IBAMA, 2001; Pinedo *et al.*, 2002). Desse total, ao menos 31 espécies ocorrem na Bacia de Campos (Siciliano *et al.*, 2006) (Quadro 5.2-11).

Quadro 5.2-11. Lista nominal dos cetáceos com ocorrência para a Bacia de Campos. (continua...)

SUBORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	DISTRIBUIÇÃO	OCORRÊNCIA/ SAZONALIDADE
Mysticeti	Balaenidae				
		<i>Eubalaena australis</i>	baleia-franca-do-sul	C	CO/S
	Balaenopteridae				
		<i>Balaenoptera musculus</i>	baleia-azul	O	CO/S
		<i>Balaenoptera physalus</i>	baleia-fin	O	CO/S
		<i>Balaenoptera borealis</i>	baleia-sei	O	CO/S
		<i>Balaenoptera edeni</i>	baleia-de-bryde	C	CO/NS
		<i>Balaenoptera bonaerensis</i>	baleia-minke-antártica	O	CO/S
		<i>Balaenoptera acutorostrata</i>	baleia-minke-anã	C	CO/DI
		<i>Megaptera novaeangliae</i>	baleia-jubarte	C/O	CO/S
Odontoceti	Physeteridae				
		<i>Physeter macrocephalus</i>	cachalote	O	CO/DI
	Kogiidae				
		<i>Kogia breviceps</i>	cachalote-pigmeu	O	CO/DI
		<i>Kogia sima</i>	cachalote-anão	O	PO/DI
	Ziphiidae				
		<i>Berardius arnuxii</i>	baleia-bicuda-de-arnoux	O	PO/DI
		<i>Mesoplodon europaeus</i>	baleia-bicuda-de-gervais	O	PO/DI

Quadro 5.2-11. Lista nominal dos cetáceos com ocorrência para a Bacia de Campos. (continuação)

SUBORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	DISTRIBUIÇÃO	OCORRÊNCIA/SAZONALIDADE
		<i>Mesoplodon mirus</i>	baleia-bicuda-de-true	O	PO/DI
	Delphinidae				
		<i>Orcinus orca</i>	orca	C/O	CO/DI
		<i>Globicephala macrorhynchus</i>	baleia-piloto-de-peitorais-curtas	O	CO/DI
		<i>Pseudorca crassidens</i>	falsa-orca	O	CO/DI
		<i>Feresa attenuata</i>	orca-pigméia	O	PO/DI
		<i>Peponocephala electra</i>	golfinho-cabeça-de-melão	O	PO/DI
		<i>Sotalia guianensis</i>	boto-cinza	C	CO/NS
		<i>Steno bredanensis</i>	golfinho-de-dentes-rugosos	C	CO/NS
		<i>Grampus griseus</i>	golfinho-de-risso	O	CO/DI
		<i>Tursiops truncatus</i>	golfinho-nariz-de-garrafa	C/O	CO/NS
		<i>Stenella attenuata</i>	golfinho-pintado-pantropical	O	CO/NS
		<i>Stenella frontalis</i>	golfinho-pintado-do-atlântico	C	CO/NS
		<i>Stenella longirostris</i>	golfinho-rotador	O	CO/NS
		<i>Stenella clymene</i>	golfinho-de-clymene	O	PO/NS
		<i>Stenella coeruleoalba</i>	golfinho-listrado	O	CO/NS
		<i>Delphinus sp.</i>	golfinho-comum	C	CO/NS
		<i>Lagenodelphis hosei</i>	golfinho-de-fraser	O	CO/NS
	Pontoporiidae				
		<i>Pontoporia blainvillei</i>	toninha	C	CO/NS

Distribuição: **C**—costeira **O**—oceânica

Ocorrência / Sazonalidade: **CO**—confirmada **PO**—possível / **S**—sazonal **NS**—não sazonal **DI**—dados insuficientes

Fonte: Modificado de Siciliano *et al.*, 2006.

Os primeiros registros de cetáceos na Bacia de Campos provêm das listas de captura da estação baleeira que operou no município de Arraial do Cabo entre 1960 e 1963. Os registros seguintes referem-se a encalhes ocasionais e às interferências das espécies com a pesca. Somente em 1987 foi iniciado um acompanhamento sistemático dos cetáceos na região (Di Benedetto & Ramos, 2001).

Acredita-se que a presença de cetáceos na Bacia de Campos esteja relacionada a áreas de residência, de ocupação sazonal, ou ainda a rotas migratórias. Nessa localidade, algumas espécies são tipicamente costeiras, enquanto outras habitam tanto as águas profundas quanto realizam incursões próximas à costa (Siciliano *et al.*, 2006).

Assim como outros animais aquáticos, também os cetáceos sofrem ameaças a partir da ação humana nos rios, mares e oceanos. Dentre elas, as principais ameaças à sobrevivência e perpetuação das espécies são a poluição, o tráfego de embarcações e a pesca predatória.

No Brasil, a legislação concernente à preservação dos cetáceos abrange: 1) a Portaria Normativa Nº N-11/86 da Superintendência do Desenvolvimento da Pesca, que proíbe, nas águas sob jurisdição nacional, a perseguição, caça, pesca ou captura de pequenos cetáceos, pinípedes ou sirênios; 2) a Portaria Nº N-2306/90, do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), que proíbe qualquer forma de molestamento intencional de toda espécie de cetáceo em águas brasileiras; e 3) a Lei Nº 7.643/87, do Poder Legislativo do Brasil, que proíbe a pesca de cetáceos nas águas jurisdicionais brasileiras.

Ainda nesse contexto, o IBAMA, pela Portaria nº 2.097, de 20 de dezembro de 1994, criou o Grupo de Trabalho Especial de Mamíferos Aquáticos (GTEMA), ao qual atribuiu a tarefa prioritária de elaborar um plano global de pesquisa e conservação para os mamíferos aquáticos que ocorrem no Brasil, incluindo os cetáceos, pinípedes, sirênios e mustelídeos. Este Plano de Ação contém a relação de todas as espécies de mamíferos aquáticos registradas em águas jurisdicionais brasileiras com seus respectivos *status* de conservação, bem como o grau de ameaça de cada uma delas. Além disso, também relaciona as espécies submetidas à maior pressão antrópica,

Com base nas informações contidas na versão revisada desse plano (IBAMA, 2001), foi identificado o *status* de conservação das espécies registradas na área da Bacia de Campos (Quadro 5.2-12).

Quadro 5.2-12. Lista nominal dos cetáceos com ocorrência para a Bacia de Campos e seus respectivos *status* de conservação. (continua...)

SUBORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	STATUS DE CONSERVAÇÃO
Mysticeti	Balaenidae			
		<i>Eubalaena australis</i>	baleia-franca-do-sul	vulnerável
	Balaenopteridae			
		<i>Balaenoptera musculus</i>	baleia-azul	em perigo
		<i>Balaenoptera physalus</i>	baleia-fin	vulnerável
		<i>Balaenoptera borealis</i>	baleia-sei	vulnerável
		<i>Balaenoptera edeni</i>	baleia-de-bryde	dados insuficientes
		<i>Balaenoptera bonaerensis</i>	baleia-minke-antártica	baixo risco
		<i>Balaenoptera acutorostrata</i>	baleia-minke-anã	dados insuficientes
		<i>Megaptera novaeangliae</i>	baleia-jubarte	vulnerável
Odontoceti	Physeteridae			
		<i>Physeter macrocephalus</i>	cachalote	vulnerável
	Kogiidae			
		<i>Kogia breviceps</i>	cachalote-pigmeu	dados insuficientes
		<i>Kogia sima</i>	cachalote-anão	dados insuficientes
	Ziphiidae			
		<i>Berardius arnuxii</i>	baleia-bicuda-de-arnoux	dados insuficientes
		<i>Mesoplodon europaeus</i>	baleia-bicuda-de-gervais	dados insuficientes

Quadro 5.2-12. Lista nominal dos cetáceos com ocorrência para a Bacia de Campos e seus respectivos *status* de conservação. (continuação)

SUBORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	STATUS DE CONSERVAÇÃO
		<i>Mesoplodon mirus</i>	baleia-bicuda-de-true	dados insuficientes
	Delphinidae			
		<i>Orcinus orca</i>	orca	dados insuficientes
		<i>Globicephala macrorhynchus</i>	baleia-piloto-de-peitorais-curtas	dados insuficientes
		<i>Pseudorca crassidens</i>	falsa-orca	dados insuficientes
		<i>Feresa attenuata</i>	orca-pigméia	dados insuficientes
		<i>Peponocephala electra</i>	golfinho-cabeça-de-melão	dados insuficientes
		<i>Sotalia guianensis</i>	boto-cinza	dados insuficientes
		<i>Steno bredanensis</i>	golfinho-de-dentes-rugosos	dados insuficientes
		<i>Grampus griseus</i>	golfinho-de-risso	dados insuficientes
		<i>Tursiops truncatus</i>	golfinho-nariz-de-garrafa	dados insuficientes
		<i>Stenella attenuata</i>	golfinho-pintado-pantropical	dados insuficientes
		<i>Stenella frontalis</i>	golfinho-pintado-do-atlântico	dados insuficientes
		<i>Stenella longirostris</i>	golfinho-rotador	dados insuficientes
		<i>Stenella clymene</i>	golfinho-de-clymene	dados insuficientes
		<i>Stenella coeruleoalba</i>	golfinho-listrado	dados insuficientes
		<i>Delphinus sp.</i>	golfinho-comum	dados insuficientes
		<i>Lagenodelphis hosei</i>	golfinho-de-fraser	dados insuficientes
	Pontoporiidae			
		<i>Pontoporia blainvillei</i>	toninha	vulnerável

 Fonte: Modificado de Siciliano *et al.*, 2006.

São apresentadas, a seguir, algumas considerações acerca das espécies registradas na área da Bacia de Campos e que se encontram sob algum risco de extinção (de acordo com o Plano de Ação elaborado pelo IBAMA).

a) Mysticetos

A subordem dos mysticetos inclui todas as grandes baleias que não possuem dentes durante a fase adulta. No lugar dos dentes eles possuem barbatanas que são responsáveis pela filtração e retenção do alimento. Extensas migrações anuais são características intrínsecas da maior parte desses cetáceos. As duas funções vitais para a manutenção das espécies que compõem esse grupo – a alimentação e a reprodução - ocorrem em diferentes habitats. Desta maneira, muitas espécies se alimentam em águas localizadas em altas latitudes e migram milhares de quilômetros para áreas de latitudes mais baixas, para reproduzir e amamentar seus filhotes (Hetzl & Lodi, 1993). Na costa do Brasil, ocorrem espécies de duas das quatro famílias de baleias verdadeiras.

1) Baleia-franca-do-sul (*Eubalaena australis*)

A baleia-franca-do-sul (*Eubalaena australis*) (Figura 5.2-8) é a única espécie da família Balaenidae presente no hemisfério sul. É frequentemente observada próximo à costa em áreas de reprodução e cria, mas migra e se alimenta em águas mais afastadas do litoral. No Brasil, a baleia-franca-do-sul pode ser observada entre junho e dezembro desde o Rio Grande do Sul até o litoral sul da Bahia (Câmara & Palazzo, 1986). A principal área de reprodução e cria da espécie é a costa do estado de Santa Catarina (Câmara & Palazzo, 1986).

Na Bacia de Campos, grupos de baleia-franca-do-sul já foram observados distantes da costa, acompanhando grupos de baleia-jubarte durante a migração e, na Região dos Lagos e na área de influência da Bacia de Campos, já foram obtidos registros de avistagem de animais próximo à costa e também de encalhes (Siciliano *et al.*, 2006).

O *status* de conservação da baleia-franca-do-sul é **vulnerável** (alto risco de extinção na natureza em médio prazo) (IBAMA, 2001).



Figura 5.2-8. Baleia-franca-do-sul (*Eubalaena australis*).

Fonte: <http://www.scienceray.com/.../the-order-of-giants-part-i/www2.wdcs.org/species/index.php?lang=spa>

2) Baleia-azul (*Balaenoptera musculus*)

A baleia-azul (*Balaenoptera musculus*) (Figura 5.2-9) é o maior animal existente no planeta. Os espécimes tendem a ocupar águas oceânicas, mas em determinadas áreas se aproximam da costa para se alimentar e, possivelmente, para se reproduzir e criar seus filhotes. Alimentam-se em águas polares e reproduzem-se em regiões tropicais. Alguns indivíduos são residentes enquanto outros apresentam hábitos migratórios (Jefferson *et al.*, 1993).

No Brasil, a baleia-azul é o balenopterídeo de ocorrência mais rara, contando com apenas sete registros. O único registro da espécie para a Bacia de Campos e a região sudeste do Brasil é representado por um espécime capturado em 1962 e desembarcado na estação baleeira em Arraial do Cabo (Siciliano *et al.*, 2006).

O *status* de conservação da baleia-azul é **em perigo** (risco muito alto de extinção na natureza em futuro próximo) (IBAMA, 2001).



Figura 5.2-9. Baleia-azul (*Balaenoptera musculus*).

Fonte: www.oceanlight.com/log/blue-whale-aerial-phot.

www.solegelo.blogspot.com/2007/06/explorar-as-pas.

3) Baleia-fin (*Balaenoptera physalus*)

A baleia-fin (*Balaenoptera physalus*) (Figura 5.2-10) habita águas oceânicas em ambos os hemisférios. Encontrada em águas profundas, esta espécie se alimenta em regiões polares e se reproduz nos trópicos. Contudo, novas descobertas apontam para a existência de populações residentes (Jefferson *et al.*, 1993).

No Brasil, a maior parte dos registros de ocorrência da espécie provém dos relatórios das estações de caça, principalmente da que operou em Arraial do Cabo entre 1960 e 1963. Dada a rara ocorrência da espécie em águas brasileiras, especula-se que as áreas de invernagem da população do Oceano Atlântico Sul Ocidental estejam localizadas em áreas distantes da costa (Siciliano *et al.*, 2006).

O *status* de conservação da baleia-fin é **vulnerável** (alto risco de extinção na natureza em médio prazo) (IBAMA, 2001).



Figura 5.2-10. Baleia-fin (*Balaenoptera physalus*).

Fonte: www.icestories.exploratorium.edu/.../whale-break/
www.panoramio.com/photo/4346729

4) Baleia-sei (*Balaenoptera borealis*)

A baleia-sei (*Balaenoptera borealis*) (Figura 5.2-11) ocorre em áreas profundas distantes da costa em ambos os hemisférios. Geralmente associada ao talude continental. A espécie passa o verão se alimentando em regiões polares e se reproduz nas áreas de invernagem situadas em baixas e médias latitudes (Leatherwood *et al.*, 1988).

Na costa brasileira, sabe-se que a espécie foi abundante, segundo registros da caça baleeira ocorrida no século XX no Nordeste e no município de Arraial do Cabo. Atualmente, há registros de ocorrência da espécie em áreas profundas das bacias de Santos e do Espírito Santo (Siciliano *et al.*, 2006).

O *status* de conservação da baleia-sei é **vulnerável** (alto risco de extinção na natureza em médio prazo) (IBAMA, 2001).



Figura 5.2-11. Baleia-sei (*Balaenoptera borealis*).

Fonte: www2.wdcs.org/species/index.php?lang=spa
www.ozanimals.com/.../Balaenoptera/borealis.html

5) Baleia-jubarte (*Megaptera novaeangliae*)

A baleia-jubarte (*Megaptera novaeangliae*) (Figura 5.2-12) ocorre em todos os oceanos e em ambos os hemisférios. Realiza extensos movimentos migratórios entre zonas polares ou subpolares de alimentação, onde passa o verão e o outono, e áreas tropicais de reprodução e cria de filhotes, onde permanece durante o inverno e a primavera (Dawbin, 1966). As áreas de reprodução e cria da baleia-jubarte são encontradas tipicamente ao redor de ilhas e/ou associadas a sistemas de corais em águas tropicais ou subtropicais (Dawbin, 1966; Whitehead & Moore, 1982). O Banco dos Abrolhos é a única área de reprodução e cria conhecida para as baleias-jubarte no Atlântico Sul Ocidental (Siciliano, 1997; Martins *et al.*, 2001).

Apesar de migrar preferencialmente por áreas de até 200 m de profundidade, sobre a plataforma continental, a baleia-jubarte apresenta distribuição mais ampla na Região Sudeste, ocupando áreas profundas distantes da costa. Nas bacias de Santos e Campos, grupos foram observados sobre o talude continental, confirmando a ocorrência da espécie em áreas de até 3.000 m de profundidade (Siciliano *et al.*, 2006).

A Bacia de Campos é uma região importante na rota de migração dessa espécie, concentrando sazonalmente, entre junho e setembro, parte da população que viaja para o Arquipélago de Abrolhos (Di Benedetto & Ramos, 2001).

O *status* de conservação da baleia-jubarte é **vulnerável** (alto risco de extinção na natureza em médio prazo) (IBAMA, 2001).



Figura 5.2-12. Baleia-jubarte (*Megaptera novaeangliae*).

Fonte: www2.wdcs.org/species/index.php?lang=spa
www.flickr.com/photos/24327250@N04/2306263452/

b) Odontocetos

A subordem dos odontocetos compreende todos os cetáceos que possuem dentes. Fazem parte desta subordem, os botos e os golfinhos, além de algumas espécies popularmente chamadas de baleias, como a orca (*Orcinus orca*) e o cachalote (*Physeter macrocephalus*). Os odontocetos não apresentam padrões migratórios bem definidos, sendo que variações sazonais de abundância podem estar relacionadas a características ambientais e disponibilidade de alimento. Das nove famílias de odontocetos, sete possuem representantes na costa brasileira (Siciliano *et al.*, 2006).

1) Cachalote (*Physeter macrocephalus*)

O cachalote (*Physeter macrocephalus*) (Figura 5.2-13) é o maior cetáceo com dentes. Sua distribuição vai desde os trópicos até as regiões polares. A espécie apresenta um elevado grau de segregação entre os sexos: grupos de fêmeas com filhotes permanecem nas áreas de procriação ao longo do ano entre as latitudes 40-45° N e 40-45° S; machos desprendem longas migrações entre áreas de procriação em baixas latitudes e áreas de alimentação em altas latitudes. Vivem em águas profundas, aproximando-se pouco da costa (Siciliano *et al.*, 2006).

No Brasil, há registros de encalhes em Arraial do Cabo e Rio das Ostras e, em Arraial do Cabo, também há o registro de ocorrência para a espécie (Siciliano *et al.*, 2006).

O *status* de conservação do cachalote é **vulnerável** (alto risco de extinção na natureza em médio prazo) (IBAMA, 2001).



Figura 5.2-13. Cachalote (*Physeter macrocephalus*).

Fonte: www2.wdcs.org/species/index.php?lang=spa
www2.wdcs.org/species/index.php?lang=spa

Nesta seção foram apenas incluídas as espécies que se encontram sob algum risco de extinção, de acordo com os dados compilados no Plano de Ação elaborado pelo IBAMA. Contudo, há de se considerar que outras espécies com ocorrência comprovada para a Bacia de Campos provavelmente sofram pressões em águas sob jurisdição brasileira, em menor ou maior grau, mas os dados disponíveis não permitem avaliá-las com segurança.